



Dinâmica Espírita

ANO 1, REVISTA Nº 4, JUNHO/2015

EDITORIAL

Nossa quarta revista cuida de temas bastante controversos na doutrina espírita.

Ninguém melhor para deles cuidar do que nosso irmão Eduardo Valério, Promotor de Justiça, dirigente e palestrante espírita e atual presidente da AJESP.

Nesta entrevista ele trata desde meninos de rua, da pobreza perante o Espiritismo, da perspectiva da Terra se tornar planeta de regeneração e outros temas relevantes, para os quais a doutrina espírita tradicional tem sempre as mesmas respostas insuficientes.

Plínio J. Marafon

Diretor do Centro Espírita Amor e Paz

www.ceamorepaz.org.br

ENTREVISTA

Eduardo Valerio

efvalerio@gmail.com



Eduardo Valério é expositor espírita.

Trabalhador do Centro Espírita Divino Mestre, de São José dos Campos (SP).

Presidente da AJE-SP (Associação Jurídico-Espírita do Estado de São Paulo).

Membro do Ministério Público do Estado de São Paulo, Promotor de Justiça de Direitos Humanos em São Paulo (SP).

1. Como o Sr. vê o morador de rua do ponto de vista espiritual?

Uma sociedade organizada com base nos ensinamentos do Cristo não pode negar aos encarnados alguns direitos essenciais indispensáveis para que o Espírito reencarnante cumpra minimamente seu planejamento reencarnatório. Um destes direitos fundamentais é a moradia, classificado pelo Direito Constitucional como direito social.

Todo bicho tem a sua toca. Como é possível negar-se ao "bicho" homem seu direito à sua toca, à sua moradia? Não obstante, somente na cidade de São Paulo, ao menos 18.000 pessoas não têm uma moradia e vivem nas ruas e praças. E o fenômeno se repete em várias outras cidades brasileiras.

Este não é um texto destinado à análise dos motivos sociais, políticos, econômicos ou culturais que levam tantas pessoas à situação de rua, mas cabe aqui lembrar que, do ponto de vista espiritual, pouco importa questionar-se que motivos possam ter levado o indivíduo àquela angustiante situação, isto é, se decorrentes de condutas do presente ou do passado.

O que importa, numa dimensão espiritual, é que tais pessoas enfrentam as dificuldades que lhes cabem em suas realidades reencarnatórias ao mesmo tempo em que desnudam a organização social injusta e excludente que domina as sociedades contemporâneas, marcadas pelo consumismo, pela competição egoísta, pelos preponderantes interesses financeiros e pela agressiva ostentação materialista.

Estas bases cruéis e injustas da sociedade materialista são fontes de graves

compromissos espirituais. Ao mesmo tempo, aquelas pessoas, postas em situação de sofrimento e angústia, estão a reclamar, de seus contemporâneos, o exercício da fraternidade e da solidariedade, valores fundamentais para o bom aproveitamento da oportunidade reencarnatória.

Mais que isto, estão a exigir mecanismos de justiça social que lhes permitam o acesso às mínimas condições de existência digna, de modo a que consigam fazer da dura experiência um degrau para o crescimento espiritual.

“Uma sociedade organizada com base nos ensinamentos do Cristo não pode negar aos encarnados alguns direitos essenciais indispensáveis para que o Espírito reencarnante cumpra minimamente seu planejamento reencarnatório.”

2. A Terra está se transformando de planeta de provas e expiações em planeta de regeneração?

Em primeiro lugar, é preciso lembrar, com base nas lições do Professor Allan Kardec, que a transição planetária que se espera não é física, mas moral. A renovação, portanto, não será dos elementos orgânicos estruturantes do planeta, mas

da condição moral preponderante dos seus habitantes.

Neste sentido, resulta evidente que a transição pretendida pressupõe que crescamos intimamente em moralidade, o que fazemos quando, ao mesmo tempo, crescemos eticamente nas relações humanas e sociais. Afinal, o Espírito imortal evolui moralmente quando, aprendendo a discernir o certo do errado, opta pelo certo em sua vida de relações com o semelhante e, em consequência, contribui para elevar o patamar civilizatório do meio social em que vive. Portanto, enquanto não agirmos coletivamente para transformar a ordem social, política e econômica na direção da justiça social, da igualdade substancial entre todos (igualdade efetiva de oportunidades) e da plena solidariedade, não haveremos de cogitar em promoção para planeta de regeneração.

A obscena concentração de riquezas, as relações sociais marcadas pela violência, as relações econômicas caracterizadas pela competição desrespeitosa, a cultura autoritária, a prevalência dos interesses financeiros no funcionamento das instituições, os preconceitos e discriminações, enfim, todas estas características do mundo atual fazem que o mal ainda predomine sobre o bem, o que significa concluir que continuamos como mundo de expiações e provas.

É bem verdade que já melhoramos muito e de tempos em tempos evoluímos inegavelmente; estamos em patamares civilizatórios muito superiores àqueles em que nos encontrávamos há cem ou duzentos anos. Mas ainda há muito a caminhar e nossa teimosia em agirmos em desconformidade com a Lei Natural leva-nos a uma marcha muito lenta e vacilante. Mas seguramente chegaremos

lá, porque o progresso é inevitável lei divina.

“A transição pretendida pressupõe que crescamos intimamente em moralidade, o que fazemos quando, ao mesmo tempo, crescemos eticamente nas relações humanas e sociais.”

3. O Brasil é o coração do mundo e a pátria do Evangelho?

Pode vir a ser, como, aliás, qualquer outra nação do mundo. Afinal, Deus não haveria de eleger filhos prediletos. Trata-se de um desafio lançado aos Espíritos que há muito estão reencarnando no Brasil, no sentido de fazê-los aproveitar as impressionantes condições favoráveis à construção, neste imenso território, de uma nação voltada à paz e à justiça. Mas constitui-se num grande equívoco entender aquele anúncio como uma profecia que se realizará independentemente de nossos esforços. Não há obra humana sem a ação dos homens!

Temos, no Brasil, algumas características favoráveis e poderíamos destacar as de três gêneros: 1) As físicas, tais como as condições climáticas favoráveis e a ampla fertilidade do solo. 2) As culturais-antropológicas, dentre as quais destacam-se, em nosso povo, a propensão para a espiritualidade e a facilidade para as relações humanas flexíveis e afetuosas. 3) As históricas,

especialmente no que concerne à formação plural e multirracial do povo brasileiro.

Estas variáveis podem convergir para uma sociedade de justiça e paz, desde que assim o façamos. No entanto, nossa história, marcada fortemente pela violência e pela exclusão de expressivo contingente de pessoas, segue no caminho inverso daquele objetivo.

Vejamos, ainda que de modo muito resumido. Sobre aquelas condições físicas, construímos um país baseado no latifúndio, na acumulação de riquezas em pouquíssimas mãos e na exportação de produtos da terra, sem voltar os olhos para a satisfação das necessidades básicas de nossa população. Quanto às condições culturais antropológicas, transformamos o sentimento de espiritualidade na contundente expressão de religiões dogmáticas e alienantes, que ganham a cena social de modo fundamentalista e nada fraterno; quanto às relações humanas, transformamo-nos num dos países mais violentos do mundo, com taxas alarmantes de homicídios e de estupros. E, por fim, sobre a nossa formação racial plural, edificamos uma sociedade altamente racista e preconceituosa, fazendo-o a partir do genocídio dos índios e dos 300 anos de escravidão e 120 anos de exclusão dos negros.

Enfim, nossos 515 anos de história sugerem que temos desperdiçado os recursos favoráveis que nos foram trazidos e nos apegamos numa crença mística de que seremos coração do mundo e pátria do Evangelho porque Deus quer...

Trata-se de um pensamento incompatível com a lógica racional do Espiritismo e

com as pedagógicas e elevadas lições do Professor Allan Kardec.

4. Devemos aceitar a existência de regiões pobres para reencarnações provacionais?

É comum ouvirmos, entre os espíritas, que os pobres e miseráveis do mundo estão acertando suas contas com a Lei Natural e sofrem aquelas situações como resultado de suas livres opções passadas. Valem-se, comumente, da expressão indiana 'carma'.

Este raciocínio, estruturalmente verdadeiro, traz em seu bojo algo terrível: é preciso que a sociedade continue produzindo condições favoráveis à pobreza e à miséria para que os espíritos que necessitem de tais situações provacionais possam encarnar. E o resultado é que não nos sentimos comprometidos com a reforma das estruturas sociais, com o enfrentamento das desigualdades e, enfim, com a construção de uma sociedade baseada na justiça social.

É preciso, pois, bem compreender a situação. A ideia de acaso ou de sorte e azar exclui a ideia de Deus, sobretudo de um Deus compreendido como causa primária de todas as coisas e inteligência suprema. Assim, as situações que vivenciamos são, de fato, decorrentes de nossas opções pessoais, baseadas no livre-arbítrio.

No entanto, a educação do Espírito, condição essencial para a sua evolução, que repercute diretamente sobre as suas opções e, portanto, sobre o livre-arbítrio, sofre intensa e direta influência do ambiente e do contexto social, político, econômico e cultural em que aquele dado Espírito reencarna. Não fazemos sozinhos

nossa evolução (e, portanto, nosso processo de educação anímica, também denominado de reforma íntima); nós a fazemos em nossa vida de relações e, portanto, no contexto histórico em que reencarnamos. Por isso, as condições sociais dadas para a vida são fundamentais para o bom êxito do projeto pessoal de crescimento individual do Espírito. O homem caminha para onde caminham as instituições!

Assim, estruturas sociais injustas e desiguais, violentas e excludentes, competitivas e egoístas, contribuem fortemente para embaraçar os projetos pessoais de emancipação e educação. Ao mesmo tempo, tais estruturas sociais são decorrentes dos pensamentos, sentimentos e ações igualmente de Espíritos encarnados, que se comprometem gravemente perante a Lei Natural por tais atitudes, fechando um terrível ciclo vicioso de atraso e maldade. E o resultado é que nos prendemos a um ir e vir reencarnatório de pouco progresso e de manutenção do egoísmo.

É por isso que evoluímos tão lentamente e percebemos um progresso social, no mundo, tão tímido. É por isso que, a despeito do inegável avanço tecnológico, continuamos a manter uma ordem econômica, política e social que segrega pessoas em guetos de pobreza e miséria, desde as periferias de nossas cidades até um continente inteiro, como se dá na África.

A saída é romper com o medo da mudança, superando as estruturas conservadoras que se caracterizam pelo egoísmo e pela violência, construindo meios de convívio amorosos e justos, fazendo-o a partir dos esforços pessoais de educação anímica, inspirados por sentimentos de profundo amor.

E aqui cabe entendermos amor como o liame que, no âmbito do princípio da harmonia universal, une-nos uns aos outros e a todos nós com a natureza, numa unidade racional sob o comando de um Deus que é inteligência suprema e causa primária de todas as coisas.

“A saída é romper com o medo da mudança, superando as estruturas conservadoras que se caracterizam pelo egoísmo e pela violência, construindo meios de convívio amorosos e justos, fazendo-o a partir dos esforços pessoais de educação anímica, inspirados por sentimentos de profundo amor.”

Vale dizer, portanto, que é o desamor que nos faz responsáveis diretos pelas estruturas sociais injustas que permitem a existência de milhões de Espíritos encarnados entregues à extrema pobreza e à miséria absoluta. Numa sociedade animada pelo ensino moral universal (o de Jesus, para nós espíritas e para os cristãos em geral), tal situação é inaceitável.

5. O que pensar do controle e proibição que certas federativas espíritas impõem a determinados Espíritos ou médiuns escritores, como Ramatis, Hammed,

Ermance, Baccelli, Dr. José Lacerda Azevedo, dentre outros?

Demonstra o despreço pela democracia. Para a aplicação na Terra, neste momento da história, do projeto social da Doutrina Espírita, contido nas Leis Morais (terceira parte de O Livro dos Espíritos), há um fio condutor fundamental: a plena vivência democrática entre pessoas e instituições. Democracia não pode se limitar a tema de estudos de cientistas políticos e sociólogos. Democracia é modo de vida! Na construção do mundo do porvir, a democracia não pode circunscrever-se ao governo das nações, mas, sim, deve permear todos os espaços de convivência humana, das mais modestas organizações sociais até as mais complexas e abrangentes instituições planetárias intergovernamentais.

Para nós, espíritas, esta convicção reclama-nos à plena vivência democrática nos espaços do movimento espírita. Casas espíritas e órgãos de unificação devem prezar pelos fundamentos essenciais da democracia: a busca do bem comum de todos, sem exceções ou exclusões; a liberdade pessoal responsável; a busca da sólida emancipação individual; o convívio igualitário com garantia de iguais e proporcionais oportunidades para todos. Ora, a censura prévia de escritores ou autores é incompatível com o princípio democrático. Revela um insólito propósito de se tutelar o que as pessoas podem ou devem ler. E revela, sobretudo, um temor de que as pessoas gostem das ideias daqueles autores!

Aos órgãos do movimento espírita, cabe aprimorar o ensino espírita, dotando as pessoas de conhecimentos sólidos da Doutrina Espírita e, sobretudo, de senso crítico apurado para que leiam o que

quiserem e saibam analisar o que lerem; que detenham condições intelectuais e psicológicas de ler e refletir sobre o que lerem, aceitando ou rejeitando as ideias veiculadas.

Ler de tudo, mas reter apenas o que nos convém: é velha lição que temos desprezado!

Apenas com o livre acesso garantido a toda e qualquer produção do pensamento humano cultivaremos o pleno respeito aos frequentadores de nossas Casas Espíritas, estimulando-os ao convívio democrático e, ao mesmo tempo, estimulando em cada um a indispensável capacidade de pensar com a própria cabeça, característica marcante de um Espírito imortal voltado à plena evolução.

“Casas espíritas e órgãos de unificação devem prezar pelos fundamentos essenciais da democracia: a busca do bem comum de todos, sem exceções ou exclusões; a liberdade pessoal responsável; a busca da sólida emancipação individual; o convívio igualitário com garantia de iguais e proporcionais oportunidades para todos.”

DINÂMICA ESPÍRITA

Editor:

Plinio J. Marafon

Jornalista – MTb nº 9.727/72

Diagramação:

Denise e Fabiano Soares da Silva

Mandem-nos artigos para publicarmos.

**Opiniões sobre a revista e pedidos para
recebê-la via email:**

dinamica.espirita@cearmorepaz.org.br